

Hospital pernambucano faz 22 JAN 1987 JORNAL DO BRASIL exame pré-natal em grupo

Recife — O obstetra pernambucano Alexandre Guerra, chefe de uma equipe da maternidade do Hospital Agamenon Magalhães — da rede do Inamps — vem realizando, com sucesso, uma experiência inédita no país: fazer o exame pré-natal em grupo. Os exames para saber o desenvolvimento do feto, a ginástica, acompanhamento psicológico e orientação sobre como cuidar do recém-nascido são feitos em conjunto. O trabalho em grupo ajuda a superar o medo do parto, faz com que as dúvidas sejam esclarecidas mais naturalmente e, o mais importante, tem evitado que mais crianças sejam abandonadas no hospital, por rejeição das mães, segundo o obstetra.

Falta de apoio

Em todos os hospitais do Inamps o exame pré-natal das previdenciárias é feito com cada gestante isoladamente. Alexandre Guerra diz que essa assistência é boa, porque inclui também orientação quanto aos cuidados com os recém-nascidos, mas o trabalho que a sua equipe faz em grupo tem se revelado mais completo, porque acompanha a gestante em todos os seus problemas.

Funcionário do Inamps, Alexandre Guerra diz que há três anos passou a se interessar em fazer um acompanhamento diferente das gestantes por sentir que elas eram muito tensas, principalmente as mais pobres que iam ser mães pela primeira vez: "Começamos a formar um pequeno grupo, inicialmente com jovens gestantes, adolescentes, mais inseguras ainda e, com a ajuda de voluntários, a equipe foi sendo formada". Hoje, a psicóloga Maria José dos Santos Costa Lima e a assistente social Elizodete Freire de Souza Barbosa integram o grupo.

— O hospital não estimula nosso trabalho por falta de interesse e por ter seu pré-natal tradicional. Mas seria muito interessante que outras equipes fossem formadas, porque o que estamos constatando é que o número de crianças deixadas no hospital por rejeição das mães diminuiu muito e isso já gratifica o nosso trabalho — diz Alexandre Guerra.

Depois de fazer sua inscrição, as gestantes participam, todas as quartas-feiras, das 8h às 10h, do pré-natal em grupo. Logo que chegam, o médico as examina, com todas assistindo e discutindo já suas dúvidas. Enquanto isso, a assistente social conversa com as gestantes, procurando saber como estão, o que sentem, se fizeram os exames pedidos, enfim, como velhas amigas que trocam suas experiências.

Depois, elas fazem ginástica especial para gestantes e no final, com o médico e a assistente social juntos, começa o acompanhamento psicológico. As gestantes contam o que sentem, como, por exemplo, Maria Eunice da

Silva, 28 anos, grávida pela primeira vez. O pai do seu filho se nega a reconhecê-lo; ela diz que está consciente do que vai enfrentar e, no momento, só pensa em chegar logo a hora do parto, para refazer sua vida, voltar a trabalhar e criar a criança: "Como mãe e pai, porque não vou me preocupar agora com o fato de o pai dizer que o filho não é dele". Ladjane dos Santos, grávida de três meses, sofrendo de uma infecção urinária, fala do seu medo de se internar, como deseja o obstetra, para fazer o tratamento e não perder a criança. No começo muito tensa, aos poucos ela admite que tem medo de hospital, mas se tranqüiliza quando a assistente social Elizodete e o médico explicam que ela não tem nada a temer.

Ana Lúcia de Oliveira, 18 anos, e Silviani Maria Cavalcanti Cadete, 22, casadas e grávidas pela segunda vez, mostram-se acostumadas com os problemas que as colegas vão expondo. Segundo Ana Lúcia, foi muito importante participar do grupo quando teve seu primeiro filho. "Por isso voltei, já que estou grávida do segundo, porque a gente se sente segura", explica Ana Lúcia. Silviani tem essa mesma impressão.

Para Alexandre Guerra, não existe um problema específico que atinja mais adolescentes ou preocupe as mais velhas, por exemplo: "As duas, talvez pela grande tensão que enfrentam, normalmente apresentam a toxemia gravídica, ou seja, ficam muito inchadas, e, se não houver um acompanhamento sério, poderão ter ataques de eclampsia no parto. Mas normalmente, aqui, com o pré-natal em grupo e um tratamento, elas relaxam e melhoram bastante".

As adolescentes, que estão se tornando mães em grande número, são muito tensas porque, diz a psicóloga Maria José, a transformação física mexe muito com o emocional. As gestantes que passaram dos 30, segundo Alexandre Guerra, têm vergonha de estarem grávidas — a maioria — porque se acham velhas e chegam ao hospital com medo de ter filhos anormais. "Nós já tivemos gestantes que ficaram tranqüilas ao saber que uma delas, com 42 anos, teve seu primeiro filho de parto normal", explica Alexandre Guerra.

Segundo o obstetra, o grupo não é fechado e à medida que uma gestante vai dando à luz, outras entram no seu lugar, o que dinamiza bastante o trabalho: "Nós não podemos fazer mais grupos porque os próprios médicos não têm muito interesse, nem o hospital. Mas é bom lembrar que em apenas duas horas por dia atendemos até 20 gestantes. Já que o Inamps gosta tanto de números com relação aos pacientes, deveria considerar que nosso trabalho atende muito bem a muitos clientes e, o mais importante, com ótimos resultados".